



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL. PPGAU-UFRN

DO BRUTALISMO À BRUTALIDADE **Um inventário (parcial) da arquitetura do campus da UFRN**

LIMA, Pedro de

Professor Doutor, Departamento de Arquitetura UFRN

RESUMO

Nesta comunicação propõe-se a realização de um inventário parcial sobre a arquitetura encontrada no campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Busca-se sublinhar para as edificações examinadas, além de suas características formais exteriores, os modos de implantação no *lote* e as suas articulações e desarticulações com o entorno. Consta-se que grande parte dessas obras carece de um projeto, no sentido daquele esforço intelectual que distingue o projeto da simples representação gráfica. Por isso, são obras sem referência histórica e sem imaginação criadora; e por isso, embora utilizáveis, não são belas. Elas apresentam as marcas do autoritarismo, da improvisação e da imprevidência. São construções erguidas sem um plano previamente elaborado e sem obedecer a regras previamente estabelecidas. O resultado deste procedimento tem sido a construção de um campus com um desenho confuso, com um sistema viário precário e insuficiente e com uma arquitetura *empobrecida* e feia. Essas obras desconsideram o fato de que a construção de um prédio produz novos fluxos de pessoas e de veículos, demandando a construção de mais vias, passeios, estacionamentos e de outras obras de infra-estrutura. Não observam a necessária articulação e balanceamento entre área construída e áreas livres e verdes. E, salvo as exceções, vêm sendo construídas sem a expressão de um caráter plástico e estético que as eleve à condição de arquitetura.

ABSTRACT

This communication proposes itself to realize a partial inventory of the architecture found in the central campus of the Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN. It tries to emphasize, for the examined constructions, not just its exterior formal characteristics, but also the ways of implantation in the lot and its joints and disarticulations with the neighbourhood. It is known that great part of these workmanships lacks of a project, in the meaning of that intellectual effort that distinguishes the project from the simple graphical representation. That's why, they are buildings without historical reference and creative imagination; and therefore, even being usable, are not beautiful. They present the marks of the authoritarianism, the improvisation and the improvidence. Are constructions raised without a previously elaborated plan and transgressing the previously established rules. The result of this conduct has been the construction of a campus with a confused drawing, a precarious and insufficient road system and with a poor and ugly architecture. These workmanships disrespect the fact of the construction of a building produces new flows of people and vehicles, demanding the construction of more ways, paviments, car parkings and others infrastructure workmanships. They do not observe the necessary joint and balancing between

constructed area and free or green areas. And, in the majority of the cases, have being constructed without the expression of a plastic and aesthetic character that raises them to the architecture condition.

O objetivo desta comunicação é bastante modesto. Trata-se, como indicado no título, de proceder a um inventário parcial sobre a arquitetura encontrada no campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

A partir de um grande e variado universo, nesta comunicação registra-se e descreve-se alguns exemplares das arquiteturas construídas aqui. Sem a preocupação de ser exaustivo, escolheram-se as edificações consideradas mais representativas, sobre as quais foram feitos alguns comentários, ressaltando-se seus aspectos formais e externos.

Portanto, não se pretende com esta comunicação uma abordagem teórica dessas obras, no sentido de definir e analisar o estilo ou as correntes arquitetônicas em que se inscrevem. Busca-se apenas sublinhar para as edificações examinadas, além de suas características formais exteriores, os modos de implantação no *lote* e as suas articulações e desarticulações com o entorno.

A situação do campus da UFRN, isto é a sua localização geográfica, sua paisagem e topografia não parecem ter sido consideradas quando de sua construção. Ao definir as entradas do campus, as vias de acesso e a estrutura viária básica, o projetista desconheceu a bela paisagem das dunas, com seus fundos de vale e com partes remanescentes de mata atlântica e de cerrado.



Paisagens do campus e entorno.

O projeto do campus da UFRN foi concebido, no início da década de 1970, por um escritório de arquitetura da cidade de Belém do Pará, cujo proprietário era um parente do então Ministro da Educação, o coronel Jarbas Passarinho.

O mínimo que se pode dizer sobre o projeto original é que a concepção dos setores de aula é totalmente inadequada, do ponto de vista do conforto ambiental. Tal descaso para com as condições fisioclimáticas locais poderia indicar um desconhecimento inaceitável por parte do projetista na definição do plano geral e sua implantação e na definição dos projetos específicos.



Setores de aulas: soluções para melhorar o conforto.

Nesses últimos trinta anos, dezenas de outras edificações foram incorporadas ao campus da UFRN, sem que isto, salvo algumas exceções, tenha produzido uma requalificação do seu espaço.

As novas obras, de um modo geral, têm sido definidas e construídas indiscriminadamente, sem obedecer a critérios claros e adequados de planejamento. Cada administrador, em toda a hierarquia universitária, determina a localização de obras dentro do espaço que considera como o seu domínio territorial. Os aspectos exteriores das edificações são definidos ora em função dos recursos financeiros disponíveis, ora em função da urgência para a utilização da obra.

Assim, grande parte das edificações encontradas no campus parecem indicar que os administradores e os projetistas não consideram o fato de que a construção de uma obra, além de atender à sua destinação, deve ser bela. Também não se considera o fato de que um novo edifício produz novos fluxos de pessoas e de veículos, demandando a construção de mais vias, passeios, estacionamentos e de outras obras de infra-estrutura. Em face dessas evidências, supõe-se que o único critério *técnico* adotado pelos administradores é aquele segundo o qual uma área livre é uma área disponível para construir, com o que se compromete, inexoravelmente, a boa relação edificação-área livre-área verde.

Como se disse, os principais argumentos para o cometimento dessas imprudências são a escassez de recursos financeiros e a urgência por novos espaços edificadas. Resulta daí que a expansão da cidade universitária produz uma estrutura urbana mesquinha, confusa e de difícil leitura, definida através de uma arquitetura *empobrecida* e feia, salvo as exceções.

De fato, os prazos exíguos e os orçamentos apertados são argumentos a serem considerados ao se definir os parâmetros de um projeto. Mas não são suficientes para explicar ou justificar

as *arquiteturas* existentes no campus da UFRN. Pois, a experiência mostra que com os mesmos recursos tanto se podem construir um simples *edifício-galpão* quanto um edifício com qualidades estruturais, funcionais e estéticas aceitáveis. O prédio onde funcionam os laboratórios do Curso de Arquitetura é um exemplo disto; ele demonstra o quanto a elaboração de um projeto pode qualificar uma obra.



Laboratórios de arquitetura e galpões do Centro de Tecnologia

Aqui, se diz *projeto* no sentido exposto por Argan em uma palestra proferida para alunos e professores do curso de arquitetura da cidade de Lausanne, na França, em 1983.*

Para Argan, o ponto de partida do processo de projeto em arquitetura é o conhecimento histórico das experiências semelhantes existentes na realidade. Ele sugere que se realize a crítica dessas obras semelhantes, visando a separação delas em tipos ou categorias, que retenham as suas especificidades e suas características comuns. O resultado deste procedimento analítico é a constituição de uma primeira tipologia organizada a partir das características formais, estruturais e funcionais das obras estudadas. Esta tipologia, sendo uma concepção genérica do tema, permite ao projetista, com sua imaginação e com sua criatividade, a formulação de hipóteses para o desenvolvimento do projeto. Assim, aceitando-se que a história é a memória do passado e que a imaginação é a memória do futuro, como propõe Argan, a trajetória do projeto é a mesma que se faz da memória à imaginação; daquilo que lembramos àquilo que prevemos e projetamos. Nesse contexto, projetar é exercer uma crítica constante sobre a existência, supondo para o futuro qualquer coisa de diferente e de melhor. O projeto, portanto, se traduz em um procedimento de mudança e de valorização da realidade.

Esta concepção de projeto, como se viu, está além da mera representação gráfica de um objeto que se quer construir. A representação gráfica deve ser entendida como um instrumento para a exposição de um desejo, de um desígnio, de um desenho, de um projeto.

Grande parte das obras construídas no campus carece de um projeto, no sentido proposto por Argan. Não se observa nessas obras aquele esforço intelectual que distingue o projeto da simples representação gráfica. Por isso, são obras sem referência histórica e sem imaginação criadora; e por isso, não são belas.

Entretanto, como exceção, existem no campus da UFRN, algumas obras com projetos de qualidade. Embora não sejam, todas, obras espetaculares, elas revelam o esforço do projetista no sentido de criar arquitetura, de resolver problemas estruturais e funcionais e de construir

* ARGAN, Giulio Carlo. **História na metodologia de projeto**. São Paulo: Revista Caramelo, Grêmio da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP, nº 6, 1993.

uma expressão estética singular. Entre as edificações incluídas neste grupo sobressaem-se o Centro de Biociências, a Capela, a Escola de Música, a Biblioteca Central, o Centro de Convivência e a Reitoria.



Centro de Biociências: entrada, escada e saguão.



Capela do Campus: vista frontal e posterior e Escola de música



Reitoria, Biblioteca Central e Centro de Convivência.

A concepção monumental do prédio da Reitoria expressa não apenas o simbolismo do *poder universitário*, mas também a necessidade de atender a um grande e variado programa funcional constituído pelas pró-reitorias e demais dependências da Administração Central. Do ponto de vista formal os aspectos exteriores da obra fazem referência à vertente *brutalista* da arquitetura moderna. Este brutalismo, que se expressa através da enfática exposição dos elementos estruturais e do uso abundante do concreto aparente, também está presente nos elementos escultóricos, em cimento, que revestem e adornam algumas superfícies externas.



Reitoria: estética brutalista.

Sem dúvida, é possível encontrar qualidades neste e em outros prédios do campus. Pode-se, por exemplo, destacar aspectos de funcionalidade no conjunto de edifícios do Centro de Biociências, na solução do projeto original de estrutura e planta livres do Centro de Convivência ou na criatividade expressa na concepção formal-estrutural da Capela.

Entretanto, essas qualidades, como a estética *brutalista* do prédio da Reitoria, logo submergem à *brutalidade* avassaladora da maioria das edificações existentes no campus da UFRN.

Aqui, torna-se evidente que o jogo de palavras foi buscado como uma forma e ressaltar a rapidez e a falta de pudor com que se passa de uma para outra arquitetura, como quem passa do brutalismo para a brututalidade.

Além dos setores de aula e de administração dos Centros acadêmicos, que fazem parte do projeto original do campus, há uma grande quantidade de construções anexas, de edifícios-galpão e de prédios novos, os quais serão examinados a seguir.

Pode-se reconhecer como uma boa solução o esquema de implantação dos blocos dos setores de aula. O corredor central, com os blocos situados lateralmente e de forma alternada produz dois efeitos positivos para os usuários. Os espaços criados entre os blocos se transformam em áreas verdes que, embora carecendo hoje de projetos de jardinagem e de uma manutenção permanente, contribui para a formação de micro-climas mais amenos. O amplo corredor que interliga os blocos, com bancos laterais, quadros de aviso, bebedouros e outros equipamentos, nem sempre bem cuidados, se transforma em animados pontos de encontro, locais de sociabilidade para alunos, funcionários e professores.



Setor de aulas: jardins e corredor.

Ainda assim, os setores de aula não apresentam uma boa arquitetura em suas partes externas. Neles, junto com as referências ao *brutalismo*, presentes no concreto aparente e nos revestimentos de cimento e pedra de algumas colunas e paredes, estão o desconforto *brutal* das salas de aula e a *brutalidade* do superdimensionamento estrutural visível, principalmente, nas coberturas dos corredores.



Setor de aulas: detalhes da estrutura.

Já os edifícios-galpão têm a seu favor o custo relativamente baixo e um tempo menor de construção. De um modo geral, essas edificações apresentam soluções formais repetitivas e sem nenhuma criatividade. Elas se constituem, invariavelmente, de um esqueleto formado por pilares e vigas pré-moldados, com fechamentos em paredes de alvenaria e cobertura com telhas onduladas de amianto. Geralmente, as formas externas desses edifícios, evidenciando a inexistência de um projeto, estão subordinadas ao esquema estrutural. Outras vezes, são acrescentados ao edifício-galpão alguns elementos formais que funcionam como adornos gratuitos, disfarces desnecessários.



Galpões com elementos decorativos

Galpões sem disfarces

Outros tipos de obras freqüentes no campus são as reformas e os edifícios anexos. É evidente a necessidade de periódicas atualizações nos espaços destinados às atividades de ensino, pesquisa, extensão e de administração. Mas, para a realização destas atualizações, sejam reformas ou acréscimos de obras novas, se requer a elaboração de um *projeto*. No entanto, aqui, essas construções, se atendem à necessidades concretas e imediatas, parecem não contemplar estudos de articulação da nova construção com a construção existente, além de não observar critérios de implantação e de harmonização com as demais edificações situadas no entorno.



Anexos: CCHLA, CCSA, Setor I.



Anexos LECA- CT e Centro de Biociências

Esta falta de articulação com o entorno também pode ser verificada em obras como a Faculdade de Enfermagem e o prédio do Laboratório de Estudos em Petróleo. No primeiro caso, a não ser a decisão arbitrária da autoridade que determinou a construção, parece não haver explicação para a localização do Curso de Enfermagem junto ao parque esportivo da UFRN. Este fato é ainda mais grave quando se consideram as precárias condições de funcionamento do Departamento de Educação Física, situado ali próximo.



Escola de Enfermagem junto ao parque aquático.

No caso do Laboratório de Estudos em Petróleo, em face de sua localização em uma área central do campus, os problemas são ainda maiores. A implantação do prédio é de uma *brutalidade* gritante. Como se trata de uma edificação com quatro pavimentos, sua relativa verticalidade agride as edificações que estão no entorno (Biblioteca Central, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Centro de Ciências Exatas e da Terra, além de dois conjuntos de laboratórios). Como consequência de sua dimensão e importância, supõe-se que este edifício atrairá para o local um grande fluxo de pedestres e de veículos, o que exigirá o redimensionamento do sistema viário, dos estacionamentos e dos passeios existentes na área. Esta área, hoje, já apresenta sérios problemas de trânsito, evidenciando graves conflitos entre a circulação de veículos e de pedestres.



Laboratório de Estudos do Petróleo.

Um outro aspecto que contribui para o *empobrecimento* desses edifícios é o uso, sem um estudo adequado, de certos materiais como os azulejos, no revestimento de fachadas os quais, neste caso, seriam mais apreciados nas salas de laboratórios, nas áreas de serviço e nos banheiros.

Pode-se dizer que a situação encontrada no campus e descrita nesta comunicação assemelha-se à de uma *Torre de Babel*. As edificações não dialogam entre si. Ou, quando se dizem alguma coisa, travam um *diálogo de surdos*. De fato, elas gritam umas com as outras; se agridem e agridem os usuários e a paisagem.

Essas *arquitecturas* apresentam as marcas do autoritarismo e da improvisação e da imprevidência. As construções vão sendo erguidas sem seguir um plano previamente elaborado e sem obedecer a regras previamente estabelecidas. A única diretriz, visível através de seus resultados negativos, é a política do fato consumado, da decisão arbitrária praticada pela autoridade. E o único critério *técnico* é aquele segundo o qual uma área livre é uma área disponível para construir, com o que se compromete, inexoravelmente, a boa relação edificação-área livre-área verde.

Enfim, o resultado disso tem sido a construção de um campus com uma estrutura confusa, com um sistema viário improvisado e com uma arquitetura *empobrecida* e feia. A maioria das obras carece da dimensão do *projeto*. Elas deixam transparecer um certo

desconhecimento da realidade local e da história. Não consideram o fato de que a construção de um prédio produz novos fluxos de pessoas e de veículos, demandando a construção de mais vias, passeios, estacionamentos e de outras obras de infra-estrutura. Não observam a necessária articulação e balanceamento entre área construída e área verde. E os edifícios, salvo as exceções, vão sendo construídos sem a expressão de um caráter plástico e estético que os eleve à condição de arquitetura.

A realização deste evento –o PROJETAR 2003- em um Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, que nasceu dentro de um Departamento de Arquitetura parece realçar ainda mais a questão colocada nesta comunicação. Não se trata, evidentemente, de esperar que essas instituições chamem para si a tarefa de elaborar projetos de arquitetura, pois a UFRN dispõe de profissionais legalmente habilitados para isto. Além do que as tarefas da graduação e da pós-graduação devem cingir-se ao ensino, pesquisa e extensão. Mas, isto não deveria servir de justificativa para o não envolvimento com o processo de construção e ordenamento do espaço físico do campus. Oferecer cursos de atualização profissional para técnicos da UFRN, fazer a crítica da arquitetura produzida aqui, denunciar os mal-tratos dados à paisagem e aos jardins e reivindicar e participar da elaboração de um Plano Diretor da Cidade Universitária são ações e procedimentos que parecem estar nas expectativas da comunidade universitária.